Por isso é que nossos textos de opinião se fundamentam, muitas vezes, na articulação do sim/mas. Ou seja, retomamos a opinião dos outros (com a qual até podemos concordar em parte — sim) para contrapor-lhe a nossa (mas...).

Produção escrita 1

Pronto(a) para argumentar? Vamos à primeira prática de escrita da unidade?

O comando será simples, mas você precisará trabalhar em dupla. Assim, escolha um(a) colega para que cada um(a) pesquise uma notícia ou reportagem sobre algum fato que tenha repercutido na imprensa ao longo da semana. O fato escolhido por você precisa ser diferente do fato escolhido pelo(a) seu (sua) colega.

Certifique-se de que o texto selecionado é predominantemente opinativo. Troque o texto com o(a) colega, analise o tema, pesquise outras informações a respeito e escreva um **artigo opinativo** sobre o assunto.

Na elaboração do seu artigo, explore as possibilidades argumentativas que estudamos até aqui. Seu leitor concreto é o seu par na atividade. Ao final, leia o texto dele e elabore outro, também argumentativo, em concordância ou discordância.

A simplicidade dessa atividade é proporcional a sua eficácia na elaboração do raciocínio crítico por escrito. Ela pode ser repetida sempre que uma oportunidade de prática de escrita argumentativa surgir. Aproveite!

9.2. Discurso reportado[3]

Em vários momentos desta coleção, ao analisarmos textos, chamamos a atenção para a presença de vozes diferentes da

[3] Nesta seção, estamos utilizando a terminologia tradicional — "discurso reportado", "discurso direto" e "discurso indireto" — para designar a citação direta ou indireta das palavras de outrem num texto.

voz do autor. Demos, então, destaque ao fato de que, na escrita do texto, seu autor traz, como elemento constitutivo, a palavra alheia. E isso é feito, basicamente, de duas maneiras:

- por **DISCURSO DIRETO**, ou seja, o autor transcreve literalmente as palavras alheias que foram ditas e põe o foco na integralidade do dizer — na sua **forma** e no seu **conteúdo**;

- por **DISCURSO INDIRETO**, isto é, o autor relata, com suas próprias palavras, o que o outro disse e coloca o foco apenas no **conteúdo** do que foi dito, parafraseando a forma.

Nos dois casos, é indispensável marcar claramente o dizer alheio:

- no **DISCURSO DIRETO**, fazemos isso colocando as palavras transcritas entre aspas e nomeando quem as disse;

- no **DISCURSO INDIRETO**, fazemos isso apenas identificando a autoria das palavras que estamos reportando.

Vejamos dois exemplos, ambos retirados de textos jornalísticos. O primeiro é parte de um texto sobre os primórdios do colonialismo português na África, em que o autor cita **diretamente** a fala de um professor de história da Universidade Federal da Bahia (sublinhamos o trecho citado):

> Além da briga pelas Índias, a criação de entrepostos no Atlântico (as chamadas "feitorias") era a chance [dos portugueses] de passar a rasteira nos genoveses e disputar o acesso a produtos de grande valor, em especial o cobiçado ouro africano. "Era sabido que o ouro que surgia na Península Ibérica islâmica vinha do interior da África. Os portugueses tinham certeza de que havia ouro em algum lugar

> e queriam conquistar essas cidades", explica Valdemir Zamparoni, professor de história da Universidade Federal da Bahia.
>
> (Fonte: *Dossiê Superinteressante — África: 300 mil anos de história*. São Paulo: Abril, 2018, p. 27.)

O segundo exemplo é parte de um texto sobre a etnomatemática, programa interdisciplinar criado pelo matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosio para o ensino de matemática. O autor do texto relata, com suas palavras, o que ouviu ou leu do matemático, como a **pergunta** que o perseguia, a **resposta** que começou a dar, o **argumento** que usou e as **informações** sobre o programa criado:

> Na década de 1970, o matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosio se deparou com uma pergunta que iria persegui-lo pelo resto da vida: por que seus alunos africanos se viam obrigados a aprender matemática seguindo moldes que não tinham nada a ver com a realidade deles? D'Ambrosio trabalhava como professor universitário no Mali, no sudeste do Saara, quando começou a defender uma nova forma de ensino adaptada às particularidades de cada cultura. Ele argumentava, por exemplo, que os malinenses foram capazes de construir grandes mesquitas com métodos próprios, há mais de 500 anos, mas essa sabedoria não era considerada. O brasileiro, então, criou a etnomatemática, que estuda as diferentes quantidades, medidas e padrões geométricos dos povos por meio de aspectos históricos e sociológicos. Sua abordagem serve para compreender a lógica arquitetônica das muralhas de pedra no Zimbábue ou os métodos de dedução probabilística dos jogos de apostas na Nigéria.
>
> (Fonte: *Dossiê Superinteressante — África: 300 mil anos de história*. São Paulo: Abril, 2018, p. 63.)

Será útil fazermos aqui algumas observações sobre o **formato das citações diretas**. Caso você ainda não tenha se conscientizado a respeito dessas convenções da escrita formal, guarde-as com você.

Citações diretas curtas

(a) A citação direta curta é sempre sinalizada por **aspas duplas** em seu início e fim. Se a citação vem depois de um sinal de **dois-pontos**, ela se inicia com **letra maiúscula**:

> Satisfeito com a reação do público, o cantor disse: "No próximo *show*, só vou apresentar músicas novas".

(b) Se a citação vem depois de uma **vírgula**, ela se inicia com **letra minúscula**:

> Para João da Matta, "é curioso que os dados só tenham vindo a público agora".

(c) Se a citação for **cortada** pelo autor, fecha-se com aspas, abrindo novamente as aspas ao ser retomada:

> "É curioso", disse João da Matta, "que os dados só tenham vindo a público agora".

O corte pode também ser marcado por travessões:

> "É curioso" — disse João da Matta — "que os dados só tenham vindo a público agora".

NÃO ESQUEÇA!

Travessão NÃO é hífen. Travessão e hífen são dois sinais gráficos diferentes em forma e função.
O traço do **travessão** (—), maior que o do hífen (-), é o sinal do discurso direto. Quando em dupla, pode ser usado para intercalar palavras, expressões ou enunciados inteiros, de modo semelhante

aos parênteses ou mesmo às vírgulas, como em "É curioso" — disse João da Matta — "que os dados só tenham vindo a público agora".

No português, o travessão não aparece junto às palavras que o antecedem e o sucedem, de modo que você não deve digitar "Édipo —filho de Jocasta— casou-se com a própria mãe", mas sim "Édipo — filho de Jocasta — casou-se com a própria mãe".

Já o **hífen** serve para ligar elementos de palavras compostas (**bem-te-vi**, **guarda-chuva**) e unir pronomes oblíquos átonos em posição pós-verbal (**casou-se**; **vendê-lo**) ou mesoclítica (**amá-lo-ia**; **vender-te-ei**)[4]. Note que, diferentemente do travessão, o hífen une as palavras sem espaço algum entre elas.

(d) Se a citação é seguida pelo chamado **verbo *dicendi*** (**dizer**, **afirmar**, **perguntar**, **responder**, **explicar**, **justificar**, **esclarecer**, **sustentar**, **comentar** etc.), temos também duas possibilidades de citação direta:

"No próximo *show*, só vou apresentar músicas novas", disse o cantor.

"No próximo *show*, só vou apresentar músicas novas" — disse o cantor.

(e) Se o sentido de algum elemento na citação não está claro, podemos inserir algum tipo de esclarecimento entre **colchetes** — **[ ]**:

Além da briga pelas Índias, "a criação de entrepostos no Atlântico era a chance [dos portugueses] de passar a rasteira nos genoveses".

Também os colchetes, delimitando reticências, podem sinalizar **cortes** no início, no meio ou no fim da citação:

---

[4] Atualmente, a **posição mesoclítica** ou **mesóclise** não acontece no português brasileiro falado e é extremamente rara no português brasileiro escrito, mesmo em contextos formais de uso da língua. Exploraremos esse assunto no volume 3 — *Gramática* — da coleção.

O autor afirma que "[...] os malinenses foram capazes de construir grandes mesquitas com métodos próprios, há mais de 500 anos, mas essa sabedoria não era considerada".

Ele argumentava, por exemplo, que "os malinenses foram capazes de construir grandes mesquitas com métodos próprios, [...] mas essa sabedoria não era considerada".

(f) Nos textos acadêmicos, o **ano** e o **número da página** da referência de onde se retirou o trecho citado precisam aparecer. Exemplo:

Segundo Paulo Freire (1996, p. 43), "na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática".

Citações diretas longas

Em textos acadêmicos ou científicos, é muito comum a transcrição de trechos mais longos retirados de livros ou teses. Nesse caso, se o trecho citado for superior a três linhas, dá-se ao trecho especial destaque gráfico: ele deve aparecer separado do corpo do texto, em fonte menor, com deslocamento maior da margem (normalmente 4 cm) e com espaço simples entre as linhas. Veja o exemplo:

Assim, concordamos com Marcelo Badaró Mattos sobre como deve ser a formação não só do historiador como pesquisador-docente (e vice-versa), mas de todo educador:

> A formação do historiador, nos cursos de graduação deve manter o duplo viés da preparação para a pesquisa e o ensino, principalmente porque não há pesquisador (...) que possa abrir mão da necessidade de transmitir os resultados de uma pesquisa e, nessa transmissão (...), são imprescindíveis as qualidades da organização do raciocínio expositivo, da síntese e do didatismo não simplista — inerentes ao exercício do magistério. Da mesma forma, é mais do que tempo de se romper com a imagem do professor de 1º e 2º graus como

> um repassador de conhecimentos produzidos pelos especialistas acadêmicos, [o que só é possível] quando tal profissional se capacita para a produção do conhecimento original (Mattos, 1998: 110-111).
>
> Embora haja metodologias diversas e sistemáticas aplicáveis ao "tratamento" e interpretação dos textos (escritos ou não) e seja sempre necessário adotar as mais adequadas a cada tipo de texto e aos objetivos específicos de determinada análise (Cardoso, 1997), trataremos a seguir do método básico comumente designado por "comentário de textos históricos".
>
> (Fonte: MARCOTÚLIO, L. L. *et al. Filologia, história e língua*: olhares sobre o português medieval. São Paulo: Parábola Editorial, 2018, p. 101-102.)

Note que o trecho transcrito pelos autores está graficamente bem distinto do corpo do texto e claramente identificado. Essa detalhada identificação é de absoluto rigor nos textos do domínio acadêmico ou científico.

Ainda no exemplo, ficamos sabendo que o trecho foi retirado da referência "Mattos, 1998: 110-111". Essa notação aparece em alguns livros acadêmicos. Note que os dois-pontos aqui anunciam o número da página, substituindo o "p." que abrevia a palavra 'página'. Se vamos, então, às "Referências", listadas no fim do livro, encontramos todas as informações sobre a obra referida: MATTOS, M. B. (Org.). *História*: pensar e fazer. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998. Isso nos permitirá localizá-la e consultá-la, se assim o quisermos.

Ainda no texto acadêmico, se a citação for de poucas linhas (até três), ela ficará embutida no texto sem qualquer destaque gráfico além das aspas. Veja este exemplo, retirado da mesma obra. É um parágrafo que segue a menção dos autores à chamada Escola dos Annales, grupo de historiadores franceses que, na década de 1930, propuseram uma renovação profunda do fazer do historiador:

> Tratava-se, literalmente, de refundar a história, dando-lhe mais sabor e substância. Constituir uma disciplina pautada pela colocação e resolução de problemas, promover a pesquisa fundada em hipó-

teses, renovar e inovar seus objetos, suas abordagens, incutir nos historiadores o famoso adágio romano de que tudo que é humano lhes interessa, dando à história a amplitude própria à complexidade e à diversidade da experiência humana. Como resistir aqui à citação da célebre máxima que Marc Bloch [trata-se de um dos mais destacados membros da Escola dos Annales] redigiu, em terríveis condições, sob a clandestinidade de sua luta na Resistência Francesa às vésperas de ser fuzilado pelos nazistas? "Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça" (Bloch, 2002: 54).

(Fonte: MARCOTÚLIO, L. L. *et al. Filologia, história e língua*: olhares sobre o português medieval. São Paulo: Parábola Editorial, 2018, p. 21.)

De novo, se formos às "Referências" do livro, vamos lá encontrar os dados completos da obra citada: BLOCH, M. *Apologia da história ou O ofício de historiador.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

O formato das citações e das referências em textos acadêmicos é regulado pelas normas da ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas, conforme apresentamos na unidade 1 do volume 1 (p. 33-34) desta coleção **Escrever na universidade**.

Lá, dizemos que essas normas costumam ser apresentadas em textos de divulgação. E citamos, como exemplo, o *Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT*, publicado pela Editora da Universidade Federal do Paraná em 2015 (reimpresso em 2017) e disponibilizado gratuitamente em versão digital, agora em novo endereço: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45654[5].

Seguir, com todo cuidado, essas peculiaridades formais da citação na elaboração de textos acadêmicos é de grande importância por três bons motivos. Primeiro, porque os **nossos leitores merecem sempre respeito**. É fundamental que eles saibam, com toda clareza, o que, no nosso texto, é nosso e o que é dos outros. Segundo, pela exigência de **fidelidade ao texto original** e às palavras efetivamente pronunciadas. Imagine o

[5] Cf. AMADEU, M. S. U. dos S. *et al.* (2017). Acesso em 25/05/2019.

desastre que seria para nossa argumentação alguém mostrar que as palavras citadas nunca foram ditas exatamente assim ou que o trecho citado não foi encontrado ou está transcrito erroneamente. Terceiro, para **não sermos acusados de plágio**, ou seja, de termos nos apropriado indevidamente de palavras e textos de outra(s) pessoa(s).

Sobre esse último motivo, nunca se esqueça de que **plágio é crime**. Porém, ao nos apoiarmos nas ideias de outros autores, não precisamos escrever nossos textos, de ponta a ponta, por meio de discursos diretos e aspeados. Isso porque a **sumarização** e a **paráfrase** de ideias alheias também são procedimentos fundamentais nesse processo de identificação de autoria. Embora as aspas, nesse tipo de discurso reportado, não sejam empregadas, a sinalização da fonte da informação, do argumento, do ponto de vista é feita por meio de outros modos de explicitação da referência, como nos exemplos a seguir, retirados do livro *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, organizado pelos linguistas José Luiz Fiorin e Margarete Petter (2009)[6]:

Segundo Edith P. Pinto (1981), os trabalhos publicados na primeira metade do século XX, entre 1920-1945, caracterizam-se por uma mudança de enfoque nos estudos sobre a língua portuguesa no Brasil, tendo a abordagem filológica do século precedente cedido lugar à perspectiva dialetológica.

Silva Neto (1950) sustenta que no Brasil houve somente falares africanos episódicos, crioulos ou semicrioulos, que eram apenas uma deformação e uma simplificação do português. Seus vestígios atuais são os dialetos rurais. Foi a ascensão social do mestiço que transformou o português padrão em ideal linguístico e levou ao desaparecimento de crioulos e semicrioulos.

Metodologicamente, parece importante pensar, primeiro, a realidade linguística brasileira como o resultado de uma configuração sociolinguística que lhe é própria e da qual é necessário não ex-

---

[6] Exemplos extraídos dos seguintes textos da coletânea, respectivamente: Alkmin & Petter (2009, p. 151); Bonvini (2009, p. 17-18) e Bonvini (2009, p. 58-59). Os destaques em negrito são nossos.

cluir também a possibilidade do aparecimento de novos falares, sem que haja, por essa razão, filiação contínua e arborescente a partir de uma língua de origem (**MANESSY, 1995: 14**).

Esse tipo de referência prescinde do número da página — ainda que colocá-lo não configure um problema. Convém notar que, no primeiro e no segundo exemplo, as referências estão grafadas normalmente, por estarem fora dos parênteses. Já no terceiro exemplo, a referência aparece toda em letras maiúsculas, por ter sido apresentada dentro dos parênteses (é assim que a ABNT recomenda, embora algumas editoras não a sigam à risca). Neste último caso, atente também ao ponto final do período, empregado após os parênteses.

Funções do discurso reportado

Afirmamos, na unidade 6 deste livro (e reiteramos no início desta unidade), que nosso dizer não surge do nada. Ele se posiciona sempre frente ao muito que já se disse anteriormente sobre o assunto em pauta.

Assim, é também normal que as palavras dos outros sejam trazidas para o interior dos nossos textos. Obviamente, elas não vêm nem devem vir gratuitamente (citar por citar), mas sim como ingrediente que vai participar ativamente da articulação do texto.

Na nossa escrita, vamos estabelecendo com as palavras do outro um diálogo com diferentes finalidades:

- reforçamos, com as palavras citadas, nossa argumentação, dado o peso que tem a palavra de autoridade do especialista;
- manifestamos e justificamos nossa concordância em relação às palavras alheias acolhidas;
- polemizamos com as palavras citadas, contradizendo-as, criticando-as, refutando-as; o discurso do outro é tomado como ponto de partida da nossa exposição e argumentação.

Na sequência, vamos reforçar toda esta nossa conversa com a leitura e a análise de dois textos. O primeiro é um editorial de

um jornal diário; o segundo foi retirado de uma seção chamada "Súmula", da revista *Radis*, publicada pela Fundação Oswaldo Cruz e voltada para divulgação de temas da área da saúde. Em ambos os casos, os textos não são assinados porque expressam o ponto de vista, a opinião da editoria de cada veículo.

Leitura 3

OÁSIS NAS CIDADES

O historiador inglês Peter Burke relata, na última edição do caderno *Mais!*, o quanto ficou bem impressionado, em recente visita à Itália, com as muitas praças romanas — e o contraste que vê entre estas e os poucos espaços públicos existentes na cidade de São Paulo.

O autor lembra que as "piazze"[7], além de belas, são pontos de encontro, lugares para tomar um café, passear, levar crianças para brincar ou simplesmente estar em público, "fare bella figura". Em São Paulo, em vez de um panorama urbano semelhante aos da Europa mediterrânea, Burke surpreendeu-se com a escassez de praças e também com o descaso para com as poucas que existem.

O historiador escreve que achou interessante saber que a pracinha onde se passava a ação da novela *A próxima vítima* tinha sido feita segundo o modelo de uma praça napolitana. Sinal, para ele, de que não é o único a sonhar com uma "piazza" para a cidade de São Paulo.

O grande movimento no Parque Ibirapuera e os protestos quando do fechamento da Cidade Universitária para a população aos fins de semana evidenciam que os paulistanos sonham com espaços públicos bem mantidos, sejam "piazze" ou não.

No Brasil, as praças surgiram principalmente como pátios de igrejas. As cidades cresceram sem a preocupação em manter áreas verdes para divertimento e descanso.

Com o adensamento populacional e o número cada vez maior de pessoas vivendo em apartamentos, cresce ainda mais a demanda por espaços públicos ao ar livre e de lazer gratuito.

---

7 **Piazza** é praça em italiano. Seu plural é **piazze**.

> A maioria dos centros urbanos brasileiros, castigados pela falta de planejamento, não pode ignorar a importância desses "oásis em meio ao deserto urbano", como escreve Burke. As melhorias em parques existentes, a manutenção das praças e a criação de novos espaços com infraestrutura e segurança são um anseio legítimo da população.
>
> (Fonte: *Folha de S.Paulo*, 29/04/97, p. A2.)

Como já anunciado, o texto "Oásis na cidade" é um editorial — gênero textual do domínio jornalístico e de caráter argumentativo. Expressa a opinião da editoria do jornal (ou da revista, em outros exemplos) e, por isso, em geral não é assinado.

"Oásis na cidade" toma um outro texto como ponto de partida. Em outras palavras, dialoga com um texto precedente. Para tanto, sumariza e parafraseia, na forma de discurso reportado indireto, o relato feito pelo historiador britânico Peter Burke, em artigo publicado num caderno do mesmo jornal, sobre sua visita à Itália. Burke falou a respeito da boa impressão que lhe causaram as praças romanas e do contraste que vê entre estas e os poucos espaços públicos existentes na cidade de São Paulo. Tudo isso foi adequadamente reportado no editorial.

Esse procedimento ocupa os três primeiros parágrafos do texto e serve de base para a segunda parte, na qual o autor vai defender sua opinião sobre a importância dos espaços públicos em São Paulo:

(1) Começa afirmando que os paulistanos sonham com espaços públicos bem mantidos, sejam "piazze" ou não. Que argumento empírico apresenta para sustentar sua afirmação?

(2) Na sequência, tece considerações sobre as causas da ausência de espaços públicos adequados para divertimento e descanso nas cidades brasileiras. Quais são elas?

(3) Encerra o editorial dizendo que a maioria das cidades brasileiras não pode ignorar a importância dos espaços públicos. Para sustentar essa sua afirmação, cita, agora diretamente,

uma expressão do texto de Burke. Por que ela é relevante para a argumentação do autor do editorial?

Leitura 4

PACIENTES "LIVRES" DO HIV: O QUE ESPERAR?

Um paciente europeu infectado com o HIV deixou de apresentar sinais do vírus após um transplante de medula óssea para tratar de um câncer. O caso, relatado na revista científica *Nature*, em 4 de março passado, é o segundo já registrado no mundo. O "paciente de Londres" já está "livre" do vírus há 18 meses e, inclusive, deixou de tomar medicamentos contra a infecção. Pouco depois desse anúncio, outra equipe de pesquisadores relatou que a infecção foi eliminada em um terceiro paciente. Os cientistas da Holanda anunciaram a existência do "paciente de Düsseldorf" na Conferência sobre Retrovírus e Infecções Oportunistas em Seattle (EUA), em 5 de março, conforme publicação da revista *New Scientist*.

O primeiro caso conhecido de eliminação do vírus HIV do organismo foi o de Timothy Ray Brown, relatado em 2007. Inicialmente, ele ficou conhecido apenas como o "paciente de Berlim". Brown, que hoje tem 52 anos e vive em Palm Springs, na Califórnia, teve leucemia e foi submetido a dois transplantes de medula óssea. Seu doador tinha uma mutação genética em uma proteína da superfície de certas células do sistema imunológico. O HIV usa a proteína para entrar nessas células, mas não consegue aderir à versão mutante.

O programa *Fantástico*, da Rede Globo, exibido no dia 10 de março, chegou a tratar o caso do paciente de Londres com a chamada: "Cura de paciente com HIV leva mundo a questionar se estamos mais próximos da cura da aids".

A médica Beatriz Grinsztejn, chefe do laboratório de Pesquisa Clínica em DST e Aids do Instituto de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), questionada pela *Radis* sobre essa abordagem da imprensa, diz que cautela é recomendada para o uso do termo "cura".

"No caso do paciente de Londres, pode-se falar em remissão, que é diferente de cura, pois ele ainda continuará em observação e deverá se submeter constantemente a exames. No caso mais antigo, o de Timothy Brown, é possível falar em cura porque ele está

livre do vírus há 12 anos", esclarece Beatriz, ressaltando que esse tratamento não é um recurso para ser considerado em massa para conter a doença: "O transplante de medula óssea tem uma série de complicações".

A infectologista, conselheira para a América Latina e Caribe na International Aids Society[8] (IAS), explica que o transplante de medula foi uma estratégia nesses casos porque os pacientes tinham HIV e uma neoplasia (câncer). "O transplante foi feito de um doador que tinha uma mutação na célula de defesa CD4 que não permite que o HIV se ligue a ela. Não é real imaginar que é uma estratégia para as massas". Ela lembra que existem riscos de complicações graves no procedimento de transplante de medula, entre eles o de septicemia (infecção generalizada). As pesquisas com essa linha de tratamento, no entanto, devem ser incentivadas, segundo ela, porque ensinam muito sobre a patogenia da doença.

De acordo com a pesquisadora, no horizonte, há tratamentos promissores, como a terapia genética, explorada por muitos grupos de pesquisa internacionais em HIV/aids para alterar os mecanismos celulares, evitando que a infecção aconteça ou que persista. "A vacina terapêutica, que ajuda a modular o sistema imunológico, e as formas de prevenção combinada também são linhas terapêuticas consideradas neste momento", observa. A Fiocruz deve conduzir no Brasil um estudo clínico mundial de fase 3 da HIV Vaccine Trials Network (HVTN)[9], que testa a eficácia de anticorpos monoclonais para uma possível vacina preventiva do HIV.

(Fonte: *Revista Radis*, n. 199, abril/2019, p. 5. Adaptado.)

Podemos dividir o texto que acabamos de ler em três partes:

1º e 2º parágrafos	Relato sobre os três casos conhecidos de pacientes infectados com o HIV que deixaram de apresentar sinais do vírus por terem se submetido a transplantes de medula óssea.
3º parágrafo	Menção ao modo como a imprensa — especificamente o programa *Fantástico* da Rede Globo — se referiu a um dos casos recentes, apresentando-o como "cura de paciente com HIV".

[8] Sociedade Internacional sobre AIDS (tradução livre).
[9] Em português, algo como "Rede de Experimentos da Vacina contra HIV" (tradução livre).

Demais parágrafos	Análise crítica dessa abordagem e esclarecimentos sobre o assunto com base em informações prestadas à revista pela médica Beatriz Grinsztejn, chefe do laboratório de Pesquisa Clínica em DST e Aids do Instituto de Infectologia Evandro Castro.

Vamos repassar algumas das principais informações do texto:

(1) Por que a médica recomendou cautela quanto a identificar como **cura** o caso do "paciente de Londres"?

(2) Apesar disso, ela considera possível falar em cura no caso do primeiro paciente, Timothy Ray Brown, relatado em 2007. Por quê?

(3) Ao relatar o primeiro caso, o texto nos explica por que o transplante de medula óssea teve como consequência a eliminação da infecção com HIV. Relate o mecanismo com suas palavras, ou seja, parafraseie e sumarize as palavras do autor do texto.

(4) A médica afirma que o transplante de medula óssea não deve ser entendido como uma estratégia de tratamento "para as massas". O que ela quer dizer com isso?

(5) No entanto, ela defende que as pesquisas com essa linha de tratamento devem ser incentivadas. Por quê?

O texto se encerra:

(a) com comentários da médica sobre outros tratamentos promissores contra o HIV. São citados três. Quais?

(b) com uma informação importante. Qual?

Discurso reportado em foco

Nesta unidade, estudamos as formas e as funções da citação das palavras alheias na escrita. O texto que acabamos de ler e analisar — "Pacientes 'livres' do HIV: o que esperar?" — é um exemplo interessante de como as palavras do(s) outro(s) podem ser aproveitadas no engendramento de nossa escrita.

Para encerrarmos a seção, atente às informações e aos comandos:

(1) Há no texto uma mescla de citações diretas e indiretas. Localize três exemplos de cada tipo.

(2) Note que o discurso indireto aparece sinalizado tanto por meio de verbos *dicendi* como por outras expressões que exercem a mesma função. Aponte pelo menos quatro verbos *dicendi* diferentes usados no texto e as duas expressões que exercem também a função de sinalizar o discurso reportado indiretamente.

(3) Por fim, releia os três últimos parágrafos e observe como o autor vai fazendo o texto avançar usando ora discurso direto, ora discurso indireto.

Produção escrita 2

Agora você vai poder praticar um pouco daquilo que aprendeu sobre discurso reportado.

Primeiramente, amplie seu conhecimento sobre o tema do texto "Pacientes 'livres' do HIV: o que esperar?", pesquisando na internet outras textos informativos e opinativos sobre o assunto. Concentre-se nos textos jornalísticos, cuja compreensão é mais fácil para os leitores em geral. No entanto, caso você tenha afinidade com a área de saúde, também pode se valer de textos acadêmicos, para leitores especializados ou em formação.

De posse desses textos, estude-os e sumarize as principais informações, descobertas, teses e argumentos. Durante esse processo, não se esqueça de anotar "quem disse o quê e em que veículo". Esse mapeamento é essencial para que você reporte os discursos sobre o tema com honestidade.

Planeje e escreva um **texto de divulgação científica** com aproximadamente 1.000 palavras, em que você tanto apresente informações quanto opine sobre a seguinte questão:

Estamos próximos da cura da Aids?

Use e abuse dos discursos citados, atentando às formas adequadas de elaborá-los. Não se preocupe em apresentar o modelo

de referência do texto acadêmico — (SILVA, 2019, p. 24) —, pois seu texto é de divulgação científica e, hipoteticamente, circulará num periódico organizado por um grupo de estudantes de sua universidade. Ou seja, basta introduzir a citação direta ou indireta por elementos como: "Segundo Carlos da Silva, professor do Departamento de Biologia da Universidade..., em entrevista ao jornal *Diário de Pernambuco*, a doença...".

Essa será mais uma atividade importante em sua bela caminhada de escrita na universidade. Dedique-se, portanto, ao trabalho.

9.3. O gênero ensaio

Antes de encerrar esta unidade, queremos apresentar a você um gênero textual muito comum no domínio discursivo acadêmico ou científico. Trata-se do **ensaio**.

Alguns gêneros textuais desse domínio discursivo — como a tese, a dissertação, a monografia, o artigo científico — são submetidos a exigências bastante rígidas. Temos, por exemplo, de definir claramente nossos objetivos com o estudo que estamos fazendo, elaborar uma boa revisão da bibliografia sobre o assunto, apresentar o modelo teórico que estamos adotando, fazer dos dados uma análise consistente com esse modelo teórico e assim por diante.

O ensaio, ao contrário, não tem essas mesmas exigências. Por isso, é um gênero textual em que podemos expor nossas ideias mais livremente. O próprio nome — **ensaio** — já sugere uma tentativa e uma reflexão menos rígida.

Aliamos, nesse gênero, o **rigor acadêmico** — ou seja, grande cuidado com a seleção das informações e com a escolha dos argumentos — e a **liberdade da experimentação reflexiva**. Em razão dessas características, é bastante comum os ensaios serem escritos em primeira pessoa do singular: o autor deixa claro seu perspectivismo, isto é, não esconde os aspectos subjetivos da reflexão que faz, sem abrir mão do rigor no trato do assunto.